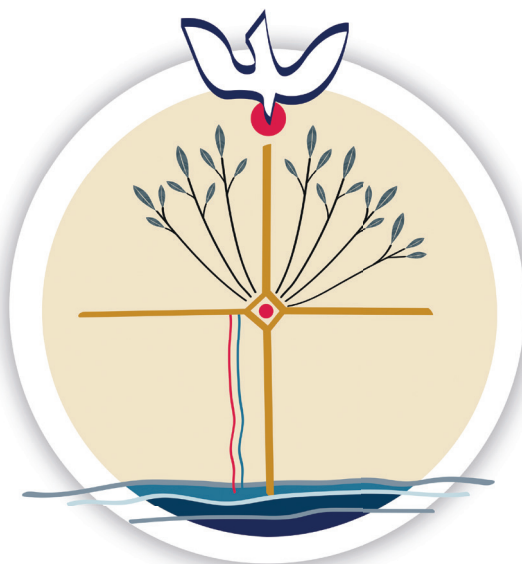




APÊNDICE 3



CATEQUESE INCLUSIVA



O princípio fundamental da Catequese inclusiva é saber que a inclusão está em sintonia com o ser e a missão da Igreja. A inclusão não é um apêndice da catequese, mas seu elemento fundamental. Assim, a “catequese inclusiva” não deve ser vista como uma seção à parte, pois toda catequese autêntica já é, por natureza, inclusiva. A essência da Igreja é viver a unidade no amor, respeitando as diversidades.

Embora essa diversidade englobe realidades culturais, históricas e neurodivergentes, este anexo se concentrará na inclusão da pessoa com deficiência, um reflexo do chamado universal do Evangelho.

1. O paradigma cristológico

O modelo é Jesus Cristo, pois Ele nos ensina a viver a unidade, no respeito às diferenças. O nosso Mestre, Jesus Cristo foi profundamente inclusivo, pois sabia acolher a todos. Este é o paradigma inclusivo cristológico, apresentado pelo Diretório Nacional de Catequese (DNC), que deve guiar nosso ministério: “todos e cada um foram compreendidos no mistério da Redenção” (DNC, 224). Isso significa que nosso ministério é para TODOS, sem distinção. A inclusão não é uma opção para o catequista, mas uma condição intrínseca à sua missão e à identidade da Igreja.

Por isso, cada pessoa batizada tem direito a uma catequese adequada à sua realidade para amadurecer na fé. O Evangelho não se destina a um ser humano abstrato, mas a cada pessoa concreta, com sua história e suas particularidades psicológicas, sociais e culturais (cf. DNC, 224). Para darmos uma resposta satisfatória a este anseio, precisamos de formação contínua e da atenção a algumas orientações práticas.

2. Orientações Práticas para uma Catequese Inclusiva

Seguem algumas reflexões e orientações práticas para que a catequese inclusiva faça parte da organização de nossas estruturas paroquiais e de nossa missão evangelizadora, tendo sempre um olhar sensível às necessidades dos nossos irmãos e irmãs.

2.1 *Sacramentos: um dom para todos*

As pessoas com deficiência, mesmo em casos de distúrbios graves, são chamadas à plenitude da vida sacramental. Os Sacramentos são dons de Deus e a liturgia é para ser vivida, antes mesmo de ser compreendida racionalmente.

O princípio é claro: não se devem negar os sacramentos às pessoas com deficiência (cf. DNC, n. 272). Não existe uma receita pronta para a preparação, mas ela deve ser um caminho de discernimento, partilhado entre a equipe de catequistas, a família, a comunidade e o pároco.

2.2 *Organização de turmas, tempo e duração*

Seguem algumas orientações práticas para a organização das turmas:

- a) Integração é a norma: a orientação da Igreja é que o processo catequético ocorra, preferencialmente, junto aos demais catequizandos.
- b) Flexibilidade com propósito: o termo preferencialmente permite a criação de turmas específicas em certas realidades, desde que não se perca a dimensão comunitária. Pode-se, por exemplo, intercalar encontros individuais com coletivos, ou encontros na igreja e no ambiente doméstico, sempre em diálogo com a família, o pároco e a equipe.
- c) Cuidado essencial: o objetivo nunca deve ser segregar as pessoas com deficiência em uma única turma, mas sim distribuí-las e integrá-las. Em turmas com mais catequizandos que necessitam de apoio, recomenda-se um número menor de participantes ou a atuação de mais catequistas.
- d) Tempo flexível: a duração dos encontros e o tempo total da catequese podem e devem ser flexibilizados para atender às singularidades de cada um.

2.3 *Formação do catequista: a pedagogia de Cristo*

Embora uma formação profissional não seja pré-requisito para ser catequista, é fundamental buscar conhecimento e, acima de tudo, assumir a pedagogia inclusiva de Cristo (cf. DC, 2006). Isso não exige diplomas, mas sim conversão, coerência cristã e amor. É natural que alguns catequistas se identifiquem mais com este serviço, e estes devem colaborar com os demais, partilhando experiências. Nenhum catequista deve se sentir excluído ou isento deste processo.

2.4 *Trabalho em equipe e rede de apoio*

É valioso contar com o apoio de profissionais da própria comunidade, como médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, professores e intérpretes de LIBRAS (cf. DC, 2006). Essa rede de apoio pode ser encontrada na paróquia, em comunidades vizinhas ou entre os profissionais que já acompanham o catequizando.

2.5 *Conhecer e conviver: a fonte do aprendizado*

A principal fonte de conhecimento é a própria pessoa com deficiência. Conviver e relacionar-se com o catequizando é uma experiência indispensável. As fragilidades dos outros iluminam as nossas, e nesta relação recíproca, todos aprendem e crescem. É útil registrar informações importantes (com consentimento da família). É imprescindível o dever ético do sigilo.

2.6 *Protagonismo da pessoa com deficiência: de receptor a evangelizador*

É preciso superar o paradigma assistencialista. Não estamos fazendo um “favor” ao acolher uma pessoa com deficiência; estamos cumprindo nossa missão cristã. Ela não é um ser passivo, mas um sujeito eclesial, protagonista e evangelizador.

A comunidade é enriquecida por sua presença (cf. DNC, n. 270). Mais do que destinatárias da catequese, “é desejável que elas próprias possam ser catequistas e transmitir a fé de modo mais eficaz, com o seu testemunho” (DNC, n. 272).

2.7 *Recursos de acessibilidade: derrubando barreiras*

A maior barreira a ser vencida é a atitudinal: o preconceito, a indiferença e a resistência à mudança. Sem uma conversão para uma mentalidade inclusiva, corremos o risco de dar um contratestemunho da fé. Neste sentido, o Papa Francisco nos chama atenção: “A criação de uma paróquia plenamente acessível requer não só a eliminação das barreiras arquitetônicas, mas sobretudo atitudes e ações de solidariedade [...]. O objetivo é chegarmos a superar a subdivisão ‘eles’, para existir apenas o ‘nós’”¹⁶.

Os recursos práticos são necessários e demonstram que a pessoa foi esperada e é querida na comunidade. A paróquia não precisa ter tudo de imediato, mas deve mostrar a disposição para, junto com a pessoa, buscar soluções que favoreçam sua plena participação. Eis alguns recursos necessários em nossas estruturas paroquiais que garantam o acolhimento, a acessibilidade e a inclusão:

Recursos arquitetônicos: vagas de estacionamento, rampas, corrimãos, banheiros e bebedouros acessíveis;

¹⁶ Mensagem do Papa Francisco para o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, n. 2.

Recursos comunicacionais: LIBRAS, Braille, audiodescrição, legendas e linguagem simplificada para pessoas com deficiência intelectual ou TEA;

Recursos instrumentais: assentos adaptados, equipamentos eletrônicos e auxílios de mobilidade.

Enfim, devemos estar atentos às pessoas portadoras de deficiência, como disse o Cardeal Jean-Marie: “As pessoas com deficiência não devem ser levadas ao coração da Igreja, como se fossem de fora, exteriores a esse coração. Ao contrário, de imediato, elas nos mostram onde está esse coração”¹⁷.

¹⁷ Cardeal Jean-Marie Lustiger em colaboração com o Office Chrétien des Handicapés (OCH), Paris, in: Projeto Catequético da Diocese de São Carlos, p. 51.